

O PENSAMENTO DE WALDISA RÚSSIO SOBRE A MUSEOLOGIA

Carla Renata Gomes*

RESUMO: O objetivo deste artigo consiste em identificar, nos textos reunidos sobre as formulações teóricas de Waldisa Rússio Guarnieri, as definições sobre o objeto e a metodologia que caracterizam o pensamento desta autora sobre a Museologia e, principalmente, refletir sobre a concepção do “fato museal”, desde as influências para sua elaboração em relação a sua formação na área do Direito até o diálogo com outros pensadores. E, a partir deste ponto, discutir os principais pressupostos teóricos que têm contribuído para a constituição de um arcabouço conceitual do campo museológico brasileiro e problematizar as fragilidades encontradas a fim de intensificar as discussões em torno de ideias que devem embasar as práticas museológicas e contribuir para o adensamento teórico do campo.

* Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Docente permanente no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle, Brasil.
E-mail: renata.asg@terra.com.br.

Palavras-Chave: Museologia. Waldisa Rússio. Fato museal. Teoria museológica.

I INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo consiste em identificar, nos textos reunidos sobre as formulações teóricas de Waldisa Rússio Guarnieri, as definições sobre o objeto e a metodologia que caracterizam o pensamento desta autora sobre a Museologia e, principalmente, refletir sobre a concepção do “fato museal”, desde as influências para sua elaboração em relação a sua formação na área do Direito até o diálogo com outros pensadores. E, a partir deste ponto, discutir os principais pressupostos teóricos que têm contribuído para a constituição de um arcabouço conceitual do campo museológico brasileiro e problematizar as fragilidades encontradas a fim de intensificar as discussões em torno de ideias que devem embasar as práticas museológicas e contribuir para o adensamento teórico do campo.

Analisar a trajetória intelectual de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri por meio da reunião de seus artigos, coordenada pela antiga aluna Maria Cristina Bruno, nos faz mergulhar no ambiente de constituição de um pensamento

brasileiro sobre a Museologia. Curiosamente o método de exposição da produção de Waldisa Rússio pode ser “visto” como um procedimento museológico.

Na apresentação do projeto editorial: *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*, vol.1 (2010a), Maria Cristina Bruno ressalta as alternâncias nas assinaturas de Waldisa Rússio, Waldisa Guarnieri ou Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, a maioria de seus antigos alunos utiliza Waldisa ou Waldisa Rússio como principal denominação da professora, neste texto, utilizarei o tratamento Waldisa Rússio.

Sob a forma impressa as ideias de Rússio são os “objetos” a serem dispostos ao olhar e submetidos à leitura dos visitantes que percorrem as páginas desta obra coletiva, realizada por antigos alunos da professora Waldisa. Escolhas foram realizadas, divisões foram pensadas, classificações foram operadas a fim de melhor apresentar o resultado do trabalho desenvolvido por uma pensadora madura que produziu em pouco mais de uma década reflexões preciosas sobre a prática museológica. Bruno esclarece sobre os propósitos que guiaram as escolhas:

Não procuramos realizar uma biografia, tampouco um livro voltado à análise crítica sobre a obra. Buscamos reunir um conjunto significativo de sua produção intelectual que permita ao leitor compreender o percurso intelectual, desvelar as suas rotas profissionais e percebê-la como cidadã, servidora pública, museóloga e professora (BRUNO, 2010a, p.27).

Essa obra é em si um belo exemplo de operação museológica e é, certamente, uma justa homenagem, prestada por reverentes alunos, dispostos a quitar uma dívida de admiração e apreço pela generosidade intelectual da professora Waldisa, publicando/expondo as fontes históricas selecionadas para representar a caminhada intelectual gestada e gerada pelo fazer museológico *waldisiano*.

A obra é organizada em dois volumes. No primeiro: Waldisa Rússio por ela mesma, a estruturação de seu pensamento, a reflexão sobre a prática e as preocupações sociais e políticas. No segundo: o olhar de antigos alunos e profissionais da área museológica que trazem suas interpretações sobre sua trajetória profissional.

O primeiro volume está dividido em quatro segmentos temáticos:

1. A aproximação com o universo dos museus e a percepção sobre os seus compromissos públicos;
2. A elaboração de princípios teórico-metodológicos e as abordagens sociopolíticas e culturais;
3. A defesa da profissão museológica;
4. Projetos Museológicos.

No segundo volume cinco artigos entrelaçam as vivências de Waldisa Rússio seja por intermédio da memória do *alunado*, seja pela importância da militância associativa em sua trajetória profissional, ou ainda a construção da carreira acadêmica e a importância da realização do Curso de Especialização em Museologia da Fundação Escola de Sociologia Política (FESP). Destaque para a interlocução com a produção teórica nacional e internacional e o papel precursor de sua contribuição em relação à Sociomuseologia.

Conforme Bruno (2010b, p.168) a Tese de Rússio “inaugura a noção de processo como

método museológico” e coloca seu pensamento entre os precursores das ideias de uma Nova Museologia e da Sociomuseologia. Tais conceitos não são, entretanto, ainda utilizados por Waldisa Rússio.

Além da exposição documental impressa, essa narrativa é constituída por algumas imagens de momentos da vida de Waldisa Rússio – fotografias da vida pessoal e profissional –, documentos variados, cartazes de exposições realizadas e publicações, assim como reproduções de anotações de próprio punho.

Há, portanto, uma tentativa de representar a pessoa, a pensadora e a profissional e, neste sentido, o arranjo museológico é evidenciado na apresentação/disposição documental/objetal, que constrói e guia um percurso de leitura sobre a vida e a obra de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri.

Minha intenção aqui é acompanhar o percurso de construção do pensamento de Waldisa Rússio sobre a museologia, por meio de alguns textos desta seleção, sobretudo os que se referem aos princípios teórico-metodológicos, e compreender as bases conceituais que lhe embasaram, a fim de discutir e problematizar o manejo de sua principal formulação, o fato museológico.

2 WALDISA RÚSSIO E SEUS INTERLOCUTORES

Como pioneira nos estudos sobre os museus e a Museologia no Brasil, Waldisa Rússio marca sua inserção no campo da teoria museológica a partir de sua dissertação de mestrado intitulada *Museu: um aspecto das organizações culturais num país em desenvolvimento* (1977), na qual, segundo Cândido (2010, p.146), “faz sua aproximação a partir de uma compreensão da Museologia como campo dos estudos da sociedade e não dos objetos ou das instituições”, deslocando, portanto, o foco de análise tal como era predominantemente concebida até aquele momento.

Graduada em Direito (USP), com dissertação e tese produzidas na Fundação Escola de Sociologia Política (Fesp), Waldisa Rússio reflete sobre a necessidade da implementação de políticas públicas no sentido de um planejamento institucional amplo, assim como, na importância

da formação de profissionais para a área. A ênfase nos aspectos sociológicos da instituição Museu e suas relações com a sociedade norteiam o pensamento da autora sobre a gestão do patrimônio de uma maneira extensiva: o entendimento de “museu como processo” envolve uma dinâmica de interações sociais que extrapolam a guarda e a conservação dos objetos. Conforme destaca Cândido (2010, p.148) há, por parte de Waldisa Rússio, uma “preocupação marcante com a participação do museu na formação do cidadão”.

Além dessa abordagem e do pioneirismo, Cândido ressalta que, a aguda percepção teórica de Rússio continua a impressionar, ainda hoje, pelo manejo e construção simultânea do aporte teórico, afinal sua reflexão:

[...] sobressai quando a comparamos com outras produções mais recentes, realizadas em áreas acadêmicas afins mas ainda não propriamente da Museologia – pois até hoje a formação em nível de pós-graduação no Brasil só se concretizou em cursos de especialização e em um curso de mestrado. O museólogo, não raro, resvala para a produção de um trabalho acadêmico que contempla apenas a área do conhecimento na qual realiza a pós-graduação, mas não participa, nessa ocasião, da construção do conhecimento em Museologia (CÂNDIDO, 2010, p.149)¹.

Tal é a importância de Waldisa Rússio na construção do pensamento museológico brasileiro. Cândido referia-se à produção acadêmica até 2006, no entanto, a produção teórica em nível nacional, após sete anos, continua em desenvolvimento, e embora conte com mais pesquisas voltadas à reflexão e à problematização das diversas práticas que envolvem a atuação museológica a visibilidade desses trabalhos precisa ser ampliada por meio da publicação das dissertações e teses, conforme reconhecem os profissionais da área (CURY, 2006; BARAÇAL, 2008; BRULON, 2008; CÂNDIDO, 2013). Talvez um dos grandes limitadores para o seu desenvolvimento seja ainda a falta de traduções dos trabalhos

publicados, principalmente, na Europa, além das dificuldades de edição dos trabalhos acadêmicos nacionais.

A ideia do “museu-processo” recebe maior desenvolvimento na tese, intitulada *Um Museu da Indústria na cidade de São Paulo* (1980), na qual, segundo Cândido (2010), Waldisa Rússio apresenta uma proposta de aplicação de sua abordagem que tem como ponto de partida:

[...] uma instituição pensada como museu-processo e com múltiplas sedes; um sistema de aquisições não baseado em apropriações de objetos; o caráter interdisciplinar e o recrutamento de pessoal técnico de diversos níveis escolares. Esse museu, mais que o registro do processo de industrialização no Brasil, seria questionador, crítico, indagador, avaliador, ético e transformador (CÂNDIDO, 2010, p.149).

Para construir sua reflexão em torno desses pressupostos e formatar a ideia de “museu-processo” Rússio apoia-se em muitos exemplos de instituições europeias tanto ocidentais quanto do bloco socialista, assim como de países como Índia, Egito e México (CÂNDIDO, 2010). Tal concepção é apresentada da seguinte maneira:

Os museus de fábricas atendem ao velho axioma de que vivemos num mundo de Museografia sem, entretanto, nos darmos conta disso; assim a fábrica é, naquilo em que pode ser visitada e naquilo em que é suscetível de comunicação ao público, um Museu. Um novo tipo de museu de sítio, um museu de sítio industrial. Dependendo do aglomerado que, eventualmente, se possa formar incluindo fábrica, núcleo de habitação operária e seu centro de lazer (quando existente), poder-se-á chegar, mesmo, ao Ecomuseu, na medida em que, para o projeto, venham a confluir o meio urbano, os artefatos criados pelo Homem, as relações de produção e as demais relações sociais, em sua dinâmica (RÚSSIO *apud* CÂNDIDO, 2010, p.150).

Para Cândido o pensamento de Waldisa Rússio está em diálogo com as formulações dos principais teóricos da Museologia em nível internacional daquele período, principalmente, Stránský (2008) e Gregorová². Mensch (1994)

¹ Convém lembrarmos que atualmente as produções acadêmicas ao nível da pós-graduação têm avançado, já que existem hoje três cursos de Mestrado no país (UNIRIO, USP e UFBA) e um de Doutorado (UNIRIO).

² Sobre Anna Gregorová e sua importância no cenário da teoria museológica ver Baraçal, 2008.

também estabelece essa relação em texto síntese sobre as principais tendências do pensamento museológico.

Deve-se, portanto, destacar o contexto de surgimento das reflexões de Waldisa Rússio, a fim de evidenciar o quão independentes são suas formulações iniciais, sem dispor de uma bibliografia específica da área museológica, conforme destaca Cândido (2010, p.148), já que “dos títulos diretamente ligados aos museus, boa parte pertence a uma Enciclopédia dos Museus”, ao mesmo tempo em que acompanha eventos internacionais importantes do campo.

Sua dissertação foi defendida no mesmo ano (1977) em que ocorreu a criação do ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia), cuja importância, conforme apontou Cerávolo (2004), foi reunir os interessados nas discussões conceituais da Museologia e divulgar mundialmente tais ideias, questionamentos e métodos entre os profissionais do campo museológico.

A tese foi defendida no ano (1980) em que Zbynek Stránský, publica o artigo na MuWoP n.1, respondendo a formulação teórico-metodológica: “*Museologia - ciência ou apenas trabalho prático?*”, no qual ele aponta caminhos para pensar a Museologia e dá início aos questionamentos que guiarão as formulações teóricas da área.

Neste texto encontramos um ponto de convergência entre o discurso de Stránský (2008) e de Waldisa Rússio, ele pondera que o “fenômeno museu” tem acompanhado “o processo de formação da cultura humana”, portanto:

Se os museus se desenvolvem em sintonia com o desenvolvimento da humanidade, e se a teoria museológica se desenvolve de modo similar, segue-se que a teoria como a prática museológica só podem existir e preservar seu direito a um desenvolvimento futuro se lograrem manter-se em devida relação com o desenvolvimento geral da sociedade (STRÁNSKÝ [1980], 2008, p.104).

Sem dúvida a preocupação com o papel dos museus e suas relações com a sociedade na qual estão inseridos estabelece o primeiro ponto de contato entre os dois teóricos, tal relação é reforçada pela ideia de “realidade” presente nas formulações de ambos. Conforme indica:

Muitos autores referem-se a Stránský como o “pai” desse tipo de abordagem na museologia. [...] Em 1980, Stránský formula o objeto da museologia como sendo “uma abordagem específica do homem frente à realidade cuja expressão é o fato de que ele seleciona alguns objetos originais da realidade, insere-os numa nova realidade para que sejam observados, a despeito do caráter mutável inerente a todo objeto e da sua inevitável decadência, e faz uso deles de uma nova maneira, de acordo com suas necessidades” (MENSCH, 1994, p.11-12).

Em artigo de 1981, intitulado *A interdisciplinaridade em Museologia* e publicado na MuWoP n.2, Waldisa Rússio define como objeto da Museologia o “fato museal” ou “fato museológico” que consiste:

[...] na relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão audição, tato, etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem “admira o objeto” (GUARNIERI, 2010, p.123).

Anna Gregorová é outra teórica que partilha dessa concepção sobre a relação específica do homem com a realidade, embora, segundo Mensch, ela seja criticada por Stránský por entender que sua definição limita-se demais ao museu, para esta autora:

Museologia é a ciência que estuda a relação específica do homem com a realidade, que consiste na coleção e conservação intencional e sistemática de objetos selecionados, quer sejam inanimados, materiais, móveis e principalmente objetos tridimensionais, documentando assim o desenvolvimento da natureza e da sociedade, e deles fazendo uso científico, cultural e educacional (GREGOROVÁ *apud* MENSCH, 1994, p.12).

Para melhor visualizar o entrecruzamento destes teóricos, seguiremos o plano de análise de Waldisa Rússio apresentado no artigo de 1981, no qual ela propõe quatro pontos de reflexão sobre o que ela define como “fato museal”, ou

seja, “a relação profunda entre homem e objeto” (GUARNIERI, 2010, p.123): (1) a “relação” em si mesma; (2) o homem que a conhece; (3) o objeto a ser conhecido e (4) o museu.³

3 A “RELAÇÃO” EM SI MESMA

Para Waldisa Rússio a “relação em si mesma” corresponde a “percepção (emoção, razão), envolvimento (sensação, imagem, ideia), memória (sistematização das ideias e das imagens e suas relações)” (GUARNIERI, 2010, p.123). A ênfase na ideia de “relação” é o salto qualitativo do pensamento da pesquisadora em relação aos demais, já que ela opera uma inversão hierárquica de valorização concentrada no espaço e nos objetos, para um conjunto de comportamentos que atribui significado aos objetos, por meio da relação humana com eles, num certo espaço.

Segundo análise de Baraçal (2008), para Stránský a ênfase é no museu, embora o “objeto de museu” seja o vetor a partir do qual as demais referências são construídas, ou seja, a “musealidade”:

[...] o objeto da museologia é o museu e o objeto de museu desempenha papel fundamental. Seja *musealidade* o princípio, sejam as funções desempenhadas pelo museu, o objeto material centraliza ambos os posicionamentos. Realidade, percepção sensorial, fenomenologia, em suma, reforçam a materialidade, e a propalada gnoseologia se presta a ser tomada no sentido de redundar a concepção material do objeto, seja o de museu, seja o da museologia (BARAÇAL, 2008, p.28)

3 Os textos dos teóricos analisados foram apresentados e discutidos na dissertação de mestrado de Baraçal (2008, p.10), na qual ele expõe seu método, bem como a fonte e período dos artigos: “Para a realização da proposta, o eixo metodológico parte dos textos de Stránský, Schreiner e Gregorová, constantes da revista **Museological Working Papers** – MuWoP, n.1, de 1980, publicação do Comitê de Museologia do Conselho Internacional de Museologia – ICOM, que discutiu a Museologia enquanto ciência ou trabalho prático no museu. À análise de cada um deles e sua confrontação somaram-se algumas incursões pela internet visando dar suporte a determinados conceitos, especialmente os de ordem filosófica, e a informações contextuais sobre os autores, entre outros. Alguns outros textos, impressos ou digitais, subsidiários, integram a bibliografia, e refletem a hipertextualidade contemporânea.” (grifos do autor)

Em Stránský (2008), o “objeto de museu” é o elemento principal, a partir do qual a “musealidade” é constituída, entretanto, não há menção sobre a formulação do modo como se dá essa “concepção material do objeto”. O que há é uma consideração *a priori*, isto é, como se o objeto que está no museu *por si mesmo* já reunisse as condições de objeto museal por ser testemunha e documento de um tempo. Essa formulação naturaliza a transformação do artefato humano em “objeto de museu”.

Em Gregorová, de acordo com Baraçal (2008), a relação homem – realidade adquire os seguintes aspectos:

Cronológico tridimensional da realidade – ou “continuidade da realidade” ou ainda “o sentido histórico”, manifesto pelo fato que o homem percebe a continuidade da evolução histórica do que decorre o respeito ao passado, às tradições e sente-se a necessidade de os proteger, etc. Este aspecto tem os componentes: gnosiológico, psíquico e ético. E a relação decorre da evolução geral da humanidade, do processo cultural e social da humanidade, portanto (GREGOROVÁ *apud* BARAÇAL, 2008, p.28).

Os objetos como portadores de referências históricas concretas (porque materiais), funcionam como elos para uma realidade passada, essa formulação de Gregorová concebidos como parte da “evolução histórica” humana, como um tipo de amadurecimento histórico-cultural que permite que se tornem existentes para “o homem”.

A constante, portanto, entre os teóricos reside no estabelecimento de que a “relação” dá-se na apreensão do objeto captado da “realidade” pelo “homem” por meio dos sentidos (Rússio) ou pela compreensão histórica (Gregorová) que lhe confere destaque, ou “musealidade” (Stránský).

4 O HOMEM QUE A CONHECE [A REALIDADE]

O segundo ponto de reflexão, “o homem que a conhece”, para Rússio:

O homem deve igualmente ser considerado em si mesmo

(filosoficamente, eticamente); sobre o aspecto da teoria do conhecimento psicológico etc. É necessário estudá-lo igualmente em suas relações com os outros grupos humanos e sociais (em nível psicológico, sociológico, político, histórico, etc.). (GUARNIERI, 2010, p.124)

Para Gregorová, segundo Baraçal (2008), “o homem que a conhece” possui aspectos específicos:

[...] de estruturação e diferenciação da realidade, expresso pelo fato de ser o homem consciente da totalidade da realidade, distinguindo a substância em relação ao fenômeno, a parte em relação ao conjunto, os traços específicos dos gerais. O aspecto “genérico da realidade” liga-se ao nível das ciências, dos conhecimentos, da educação em certo momento. O lado psicológico da relação H-R pode ter várias raízes. Mas a motivação fundamental aqui é o sentido histórico, impulsionador de se constituir coleção, expressão de uma atitude museológica, decorrente de um determinado grau de evolução, o homem tornou-se capaz de conceber e de apreciar os valores da realidade (cultural e natural), desejando coletar e preservar esses valores. (GREGOROVÁ *apud* BARAÇAL, 2008, p.29).

Para ambas o homem deve ser considerado tanto como indivíduo (aspecto psicológico) quanto em coletividade (aspecto político e sócio-histórico), dotado da capacidade de selecionar (Stránský) e preservar valores (Gregorová). Ambas ainda pressupõem variações na concepção de Realidade, entretanto, nenhuma problematiza o acesso diferenciado a essa Realidade no que tange ao sujeito que conhece ou que seleciona o que deve ser conhecido, tampouco estabelecem diferenças entre os sujeitos envolvidos no processo de apreensão e conhecimento da Realidade representada pelo “objeto de museu”.

O que parece diferenciar as concepções da abordagem e conhecimento dessa Realidade em Rússio e Gregorová é a ênfase da primeira nos aspectos ontológicos e sociológicos do “homem”, sendo que para a segunda, o “sentido histórico” prevalece.

5 O OBJETO A SER CONHECIDO

O terceiro ponto analisado por Waldisa Rússio refere-se ao “objeto a ser conhecido”

O objeto “em si” exige uma identificação, uma classificação dentro de um sistema, uma interação dentro de uma espécie, gênero ou família; ele supõe uma conservação, o conhecimento da sua composição (química, física, etc.), as condições climáticas aptas a prolongar sua “existência”. Ele é testemunho do homem e depende de diferentes disciplinas científicas para ser corretamente identificado, estudado e comunicado (GUARNIERI, 2010, p.124).

Stránský (1974), citado por Schreiner, define o museu como uma “instituição documentária que reúne, preserva e comunica os testemunhos autênticos da realidade concreta”, cujo objeto é “a musealidade, um valor documentário específico dos objetos concretos e perceptíveis da natureza e da sociedade, o valor da evidência autêntica da realidade” (BARAÇAL, 2008, p.25).

Gregorová não examina o objeto “em si”, mas o objeto museológico, ou seja:

[...] a questão dos museus e da realidade como objeto de estudo não se restringe apenas à relação museológica H-R. Há o dado da realidade escolhida, objeto museológico e seu contexto, seu valor gnoseológico e seu potencial. Potencial gnoseológico do objeto do museu está compreendido no seu valor documentário, sobretudo material, que é ao mesmo tempo o valor museológico. Observar esse valor desde o grau sensorial até o grau abstrato e de conceito lógico (GREGOROVÁ [1980] *apud* BARAÇAL, 2008, p.29).

Portanto, há confluência entre as formulações de Stránský e Gregorová sobre o valor documentário dos objetos musealizados (o artefato remanescente), enquanto Rússio detém-se, principalmente, na sua classificação e preservação (o artefato produzido). Se por um lado a testemunhalidade dos objetos para Waldisa Rússio dependerá da análise de outras áreas do conhecimento, para os demais teóricos o valor de testemunho está relacionado ao seu “valor de evidência autêntica da realidade”

Stránský (1974), ou seja, por sua existência mesma.

De outra parte, entretanto, não há discussões ou problematizações no acesso ao conhecimento da “Realidade” *tout court*, também em relação ao “objeto a ser conhecido”, pois não há questionamentos a respeito da modificação de seu estatuto, isto é, de coisa de uso (artefato) para objeto de estudo ou documento museal.

Embora Stránský(1974), aponte a seleção realizada pelo “homem” de “alguns objetos originais da realidade” e Gregorová (1980) indique o “valor documentário”, em nenhum momento discutem a autoridade que define a seleção ou o valor. Os critérios de testemunhalidade, fidelidade ou documentalidade são pressupostos por um olhar acadêmico autorreferente e, portanto, revestido da legitimidade devida de julgar, de atribuir o valor devido.

Mas, como advertiu Chagas (2013, doc. eletr.), não são “critérios acima de quaisquer suspeitas na orientação das ações museais”⁴, porque muitas vezes são precedidos por escolhas que não estão ligadas ao campo do conhecimento científico, estando subordinados a um poder político que também está guiado por uma autolegitimação.

É interessante notar que, a despeito da crítica de Chagas situar-se cronologicamente deslocada em relação aos autores, essa não era uma discussão ausente, já que Gregorová referiu-se também ao grau de seletividade envolvido no ato de escolha da realidade. Além disso, Waldisa Rússio em artigo sobre “aspectos do patrimônio cultural” de 1983/1985, já alertava que “a atribuição de significados é, também, um dado cultural” que fazem parte de uma “hierarquia de valores”, portanto, para ela “a preservação do patrimônio cultural é um ato e um fato político” (GUARNIERI, 2010, p.152).

6 O MUSEU

Por fim, o quarto ponto ressaltado, “o museu”, para Waldisa Rússio:

Entre homem e objeto, dentro do recinto do museu, a relação profunda depende não somente da comunicação das evidências do objeto, mas também do recinto museu como agente da troca museológica.

[...] O que caracteriza um museu é a intenção com que foi criado, e o reconhecimento público (o mais amplo possível) de que é efetivamente um museu, isto é, uma autêntica instituição. O museu é o local do fato “museal”; mas para que esse fato se verifique com toda a sua força, é necessário “musealizar” os objetos (os objetos materiais tanto quanto os objetos-conceito). Podemos assim “musealizar” objetos que são vestígios, provas da existência do homem e seu ambiente, de seu meio natural ou modificado por ele próprio. (GUARNIERI, 2010, p.124-125)

Para Gregorová, segundo Baraçal (2008), a relação homem – realidade:

Envolve certo aspecto institucionalizado, no qual aparece a noção de museu. O desenvolvimento dessa relação não parou de se aprofundar e de se precisar desde então. Ao mesmo tempo, constatamos o desenvolvimento da concepção das funções do museu e a diferenciação dos tipos de museu.

[...] O museu e a sociedade – objeto, também da museologia, o estudo de todas as relações do museu enquanto instituição com a realidade social, e vice-versa, cria as condições para que a museologia seja um ciência interdisciplinar. O fundamento social do museu engloba três aspectos fundamentais:

- a. cultural: a ação dos museus e de suas coleções implica estudos sobre teoria da documentação e de teoria das informações científicas.
- b. educativo: engloba a ideologia e a concepção de mundo. “Museus são fatores de cultura e têm impacto ideológico sobre a formação da consciência social.”
- c. efeito sociológico ou sócio-psicológico dos museus: exige estudos sociológicos e de psicologia social (GREGOROVÁ [1980] *apud* BARAÇAL, 2008, p.29-30)

⁴ Chagas, Mario. Cultura, Patrimônio e Memória. In: *Revista Museu*. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em: 13 out. 2013.

Waldisa Rússio estabelece uma relação necessária entre a instituição museu e o fato museal, já que “o museu é o local do fato museal”; para Gregorová o museu, instituição social, “cria as condições” para o exercício da museologia. Embora Baraçal (2008, p.28) afirme que para Stránský “o objeto da museologia é o museu”, o que Stránský nos parece indicar é que o “fenômeno museu” está subordinado aos objetos destacados da realidade que serão “inseridos numa nova realidade” (MENSCH, 1994, p.12), o museu. Nesse sentido, de acordo com Baraçal (2008) os objetos de museu desempenham o papel fundamental, pois são eles que possibilitam o “fenômeno museu”.

O ponto de união entre os três teóricos é a importância do museu enquanto o lugar que permite as ações museológicas, entretanto suas concepções de importância no estatuto do museu diante dessas ações variam. Para Rússio o museu surge, ou deve surgir como resultado de relações produzidas por atos sociais e do reconhecimento entre elas; para Gregorová, as funções deste lugar definem sua importância institucional, ou seja, seus aspectos culturais, educativos e sociológicos; Stránský, por outro lado, enfatiza o papel fundamental dos objetos como orientadores da existência do “fenômeno museu”.

Entretanto, o aspecto das relações produzidas por atos sociais, os quais são apresentados como a operação fundamental na existência do museu enquanto espaço de práticas museológicas que produzem os sujeitos da ação, ou o entendimento de “museu como processo”, como resultado de práticas sociais, coloca o encadeamento teórico de Waldisa Rússio em superioridade aos demais.

A pesquisadora pensa o museu dentro da mesma lógica de produção cultural dos demais aspectos da sociedade, isto é, do trabalho como produtor de cultura (GUARNIERI [1983/1985], 2010, p.151), nesse sentido o museu configura-se como um ato cultural que constrói este “cenário” no qual as relações entre “o homem e a Realidade” tornam-se possíveis.

Podemos questionar o estatuto absoluto das categorias “homem”, “realidade”, assim como a desigualdade da relação de acesso às

informações, entretanto, o museu como ato cultural ou como cenário construído pela vontade (sociopolítica) humana permanece com vigorosa validade conceitual⁵.

7 O PENSAMENTO WALDISIANO

Na impossibilidade de analisar todo o conjunto de textos e artigos produzidos por Waldisa Rússio selecionados na coletânea, optei por discutir sua principal formulação para a teoria museológica brasileira, ou seja, o “fato museal” como objeto da Museologia. Sem qualquer pretensão de esgotar as possibilidades acredito que seja de suma importância compreendermos como se estruturou a base conceitual de seu pensamento.

Os textos reunidos no volume um da coletânea foram classificados por temáticas e dispostos cronologicamente, a fim de que os leitores acompanhem o percurso de construção do pensamento da autora.

No primeiro artigo, escrito em 1974, *Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual*, Waldisa Rússio se pergunta: “que é o mundo atual?” (GUARNIERI, 2010, p.46). A partir da indagação começa então um mapeamento das transformações de concepções de museu, percorrendo desde a antiguidade até o mundo atual de 1974, o qual é apresentado como:

Um mundo em transição, onde estruturas antigas esbocam; onde padrões estéticos e morais são sacudidos violentamente; onde desigualdades de desenvolvimento tornam equívoco o diálogo entre as nações; onde o homem luta para transformar a máquina novamente em sua auxiliar, libertando-se do seu jugo; onde o homem foge da metrópole e das formas

⁵ Sobre a importância da formulação conceitual de Waldisa Rússio, Chagas (2013) ressalta ao referir-se ao texto *Cultura, patrimônio e preservação* (p.60 in: Arantes, 1984): “O curioso, no entanto, é que depois de ter dado um imenso salto conceitual com surpreendentes e inovadoras implicações práticas, Rússio parece realizar um recuo tático: o “fato museológico”, diz ela, “se faz num cenário institucionalizado, e esse cenário é o museu”. Esse aparente recuo não impede que ela realize um novo avanço, já agora em outra direção: a institucionalização passa a implicar menos “um reconhecimento de quem cria, implanta ou instala um museu” e mais “um reconhecimento pela comunidade”, origem e alvo do museu. Este pensamento desdobra-se na assertiva: “é tempo de fazer museu com a comunidade e não para a comunidade”. Chagas, Mario. *Cultura, Patrimônio e Memória*. In: *Revista Museu*. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em: 13 out. 2013.

anti-humanas de vida que ele mesmo engendrou; onde o conhecimento humano acumulado possibilita rápidos e incessantes progressos científicos que o próprio homem teme; onde os meios de comunicação transformam a terra numa aldeia global, sim, mas onde a comunicação é filtrada pela máquina estatal ou pela elite econômica que detém os meios de comunicação (GUARNIERI, 2010, p.54).

Na concepção de Rússio ao museu caberia “restaurar o elo entre o passado e o presente” com vistas à projeção do futuro, por meio da preservação dos valores humanistas que permitissem “a leitura não do símbolo, mas do elemento simbolizado” (GUARNIERI, 2010, p.55). Sua proposta é a da construção de políticas públicas que permitam às instituições tornarem-se centros de convívio cultural em suas localidades. É, portanto, uma visão de educação patrimonial ampliada, estendida ao meio social envolvente da instituição, tal como hoje a concebemos.

Outro questionamento surge no título de um artigo sem data, no qual a autora pergunta: *Museu para quê? (A necessidade da arte)*, buscando refletir sobre o papel da arte na atividade humana. Partindo de Ernst Fischer, ela vai traçando o caminho de um tipo de artefato que “não constitui um elemento utilitário” (GUARNIERI, 2010, p.74), mas a levou a seguinte elaboração:

Essa arte é, tanto quanto o registro científico, a marca perene do sofrido evoluir do Homem. Por isso, o estudioso sensível teve o desejo de preservá-lo; de início, para si, e se transformou em colecionador; depois, para a sociedade, e se fez pesquisador e cientista... Da coleção particular, evoluiu-se para a social: daí as exposições, galerias e museus (GUARNIERI, 2010, p.75).

Tal formulação levou à seguinte questão: “por que e para que preservar tais objetos, sejam eles prioritariamente artísticos ou utilitários?” Com o auxílio de Lukács, conclui que é porque são representativos do trabalho humano e, neste sentido “preservar o artefato das mãos do Homem é documentar a longa trajetória de seu evoluir” e aos Museus cabe essa missão (GUARNIERI, 2010, p.76).

Constata então que “onde houver homens e arte, haverá Museus”, pois: “O museu é um registro de aspectos da trajetória do Homem, personagem e agente da História. Essa é sua tarefa principal, sua finalidade, que permanece imutável” (GUARNIERI, 2010, p.77).

No artigo *Museologia e museu*, de 1979, Waldisa Rússio apresenta os primeiros contornos de sua formulação clássica:

A Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade; é, também, ciência que estuda a relação entre o Homem e o Objeto, ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento.

Ciência em construção, a Museologia vai se liberando da mera observação e descrição de fenômenos, para considerar o fato museológico, desde a sistematização do objeto exposto dentro de uma semântica que o torna inteligível em si e dentro de um contexto, passando pela relação “Homem-Objeto” e chegando à mais profunda reflexão sobre o relacionamento “Museu-Homem-Sociedade” (GUARNIERI, 2010, p.78).

Neste conjunto de artigos, produzidos durante a elaboração de sua dissertação, Waldisa Rússio registra o percurso de construção de suas reflexões sobre a importância do museu como um local privilegiado para a reflexão sobre as transformações nos modos de ser e de viver das pessoas, suas necessidades, hábitos e valores, assim como na construção dos vínculos socioculturais por meio dos vestígios materiais remanescentes de um tempo que já não existe mais, provas do trabalho humano sobre um mundo diferente, mas, sobretudo, da sua importância na construção das relações entre os sujeitos, os tempos e os espaços.

8 AS BASES DO PENSAMENTO WALDISIANO

Cândido (2010) sugere que a formação inicial de Waldisa Rússio no campo do Direito merece estudo mais aprofundado, pois sua compreensão da Museologia se dá como campo de estudos da sociedade e não dos objetos ou das instituições. Rússio alude a essa formação

no nível conceitual ao mencionar, no artigo *Bem e patrimônio cultural*⁶, a importância da “História do tempo sociológico” para a compreensão do presente, “como já nos ensinaram os Mestres Pontes de Miranda (nos idos de 1929) e Guerreiro Ramos (cerca de 30 anos depois)” (GUARNIERI, [s.d.] 2010, p.119).

Encontramos, no *Tratado de Direito Privado* de Pontes de Miranda (2012), na parte que trata da *Doutrina do fato jurídico*, algumas definições que podem ter influenciado na abordagem de viés sociológico de Waldisa Rússio. A seguir uma série de citações nos permite acompanhar e identificar elementos que integram a estrutura teórica de Rússio:

A noção fundamental do direito é a de *fato jurídico*; depois, a de *relação jurídica* [...] (p.21, itálicos no original). [...]

Ter a pessoa como a substância e a sociedade como o acidente pode ser bom critério na psicologia, na biologia; não porém na sociologia e, particularmente, nas ciências jurídicas. **O primeiro fato, dentre os fatos jurídicos, é a própria sociedade em si**, o *ius* inicial (MIRANDA, 2012, p.179, grifos nosso). [...]

Ciência só se pode fundar na análise de relações. Todo o conhecimento que se alicerça em noções de entidade, é *passageiro*, deficiente e insuscetível de verificação definitiva no mundo dos fatos. O método objetivo, que tem como princípio máximo a análise das relações, chega, necessariamente, aos conceitos de entidades, como formas de síntese. O método que pesquisa entidades parte de dado falso [...]. Qualquer dos caminhos leva a vários pontos menos à ciência; porque todo o *vinculum iuris* é relação. Como a noção de sujeito de direito é produzida pela noção de relação jurídica, o sujeito não pode ser senão pólo de uma relação (p.182, grifos meus, itálicos no original). [...]

Antes de assentar qualquer opinião sobre a unidade do instituto, dever-se-iam por em prática regras metodológicas de categorias diversas, mas todas imprescindíveis a boa orientação científica: regra filosófica, ou fundamental; sociológica, e de ciência jurídica. A primeira é a que temos cristalizada em poucas palavras: **estudar os fatos nas relações, e não nos seres**, porque esses são sínteses e a metodologia científica e filosófica

não poderia aconselhar investigação de sínteses. A segunda foi excelentemente formulada por E. Durkheim (*Les Règles de la Méthode sociologique*, 117): quando se pretende explicar fato social, faz-se mister pesquisar separadamente a *causa eficiente*, que o produz, e a *função*, que ele exerce (p.183, grifos meus, itálicos no original). [...]

Estudar os fatos nas relações, e não nos seres, nas entidades, nas coisas. Nas ciências sociais, como em todas as ciências, a entidade não é mais, para o investigador, do que elemento ocupador de espaço (p.184, grifos meus). [...]

O que vale, pois, no direito, é a *idéia* da coisa, não o substrato, e essa *idéia* de coisa só se pode estudar, perfeitamente, nas relações jurídicas, porque também ela é conceito de síntese, ao passo que a relação é o fenômeno típico, objetivo, cientificamente analisável, do direito.

A relação jurídica é efeito de algum fato jurídico [...] (p.185, grifos meus). [...]

Nada surge *ex nihilo*: a manifestação de vontade unilateral gera direitos porque ela se exerceu no mundo jurídico, por incidência da lei, que é a entranha fecunda do direito. **Dois vontades sem a lei não fazem negócio jurídico, não geram direito; tão pouco, os atos de vontade unilateral. O vinculum iuris é o elemento característico da eficácia dos fatos jurídicos: e o vinculum iuris não se forma sem os dois pólos entre os quais se estabeleça a relação jurídica** (MIRANDA, 2012, p.185, grifos nosso, itálicos no original).

Temos, portanto, uma série de formulações que regem o mundo conceitual jurídico, a ideia de “fato jurídico” que se estabelece a partir de atos regulados por “relações jurídicas” e que tais relações são fenômenos sociais analisáveis pelas ações de sujeitos dotados de vontade que estabelecem vínculos jurídicos (ou de responsabilidade) no mundo social.

Nesse sentido iniciamos um mapeamento para compreender a estruturação conceitual de Waldisa Rússio, que, segundo a interpretação de Cândido (2010), parte de uma abordagem das relações da Museologia com a sociedade diante da qual elaborou a definição de “fato museal” como a “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir”, tal relação supõe que o homem

6 Sem data definida, aproximadamente final de 1970.

“admira o objeto” (GUARNIERI [1981], 2010, p.123).

O “fato” considerado como *coisa que acontece* tem, no pensamento *waldisiano*, duas inserções: uma sociológica, o “fato social” de Dürkheim e, outra jurídica, o “fato jurídico” definido por Miranda (2012), nas quais ambos são fenômenos sociais resultantes de relações humanas que são estabelecidas como funções/ formas ou normas de convivência numa sociedade. Ambos são formulados com base em relações, tal como Waldisa Rússio constrói a sua concepção de “fato museológico”.

Portanto, é a partir da “relação” entre o homem e o objeto que acontece o “fato” e não, como inferiu Carvalho (2011, p.152), o “museu enquanto fato museal”. O museu é o “cenário institucionalizado” no qual o “fato” se dá.

Carvalho (2011) recorre a Dürkheim para compreender a estruturação do “fato museológico” (objeto de estudo da Museologia) a partir do “fato social” (objeto de estudo da Sociologia). O “fato social” se configura a partir de padrões de comportamento coletivos que são moldados por “forças imperativas e coercitivas” que podemos compreender, resumidamente, como códigos culturais operatórios, ou seja, aqueles códigos que nos fazem agir da maneira correta/esperada num determinado ambiente social. É um tipo de comportamento apreendido e reproduzido de acordo com o meio social. Nesse sentido, o “fato museológico” está mais próximo da formulação do “fato jurídico” do que do “fato social”, o que resultaria na assertiva de que o museu é um fato social.

A “relação”, que Waldisa Rússio estabelece, parte da noção do “objeto de museu” como resultado do trabalho humano, desse modo, o vínculo (o fato) – entre o artefato que está no museu e o homem –, se faz (acontece) por ser parte da realidade humana e, portanto, passível de ser (re) conhecido, já que o homem “admira o objeto”.

Essa apropriação da noção de “fato jurídico” transliterado para “fato museal” como resultante das relações entre Homem e Objeto, tendo como cenário o museu, foi decisiva para alguns ganhos e algumas perdas neste processo.

Se analisarmos a definição apresentada em 1979 percebemos uma mudança significativa para a de 1981. Na primeira, a Museologia é a ciência que “estuda a relação entre o Homem e o Objeto,

ou o Artefato, tendo o Museu como cenário desse relacionamento”. Na segunda, o objeto da Museologia é o “fato museal” que consiste na “relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor –, e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir”.

Primeiro é importante notar que Waldisa Rússio utiliza como sinônimos Objeto e Artefato, mas essa distinção no nível conceitual é fundamental porque implica na relação entre o sujeito que conhece e o ser humano que utiliza determinada coisa na sua vida cotidiana. Distinguir aquele que confere ao artefato o estatuto de objeto museológico, daquele que o produziu para uso, implica em demonstrar o quanto há de seleção e de construção implicada tanto no “fato museológico” quanto na Realidade construída.

Além disso, a relação não é simétrica nem entre aquele que produz o artefato, nem entre o que seleciona o objeto, nem entre o visitante da exposição, são três sujeitos e realidades distintas e implicados num mesmo “fato”, que somente estabelecerão alguma “relação” a partir do objeto se, e somente se, a sua compreensão for compartilhada, ou o reconhecimento se efetivar.

Um artefato lítico é apenas um pedaço de pedra para quem não compreende o contexto de sua produção, é um pedaço de pedra encontrado num certo sítio que poderá ser selecionado para integrar a coleção de uma instituição se, e somente se, o arqueólogo, o historiador ou o antropólogo assim o determinarem, pois eles são os sujeitos dotados da autoridade científica que confere ou não valor ao artefato, consagrando-o como um objeto museológico.

Portanto, a distinção entre Objeto e Artefato é de suma importância na constituição do aperfeiçoamento conceitual do campo museológico e, nesse sentido, é interessante destacar que Rússio ([1983] 2010) esboçou esta distinção ao estabelecer que arte ou artefato são resultados do trabalho humano, ou seja, da relação do homem com a natureza transformada em cultura, que é a base da formulação do materialismo histórico-dialético, isto é, o ser humano ao produzir o mundo produz a si mesmo conforme as suas condições, do mesmo modo que que a Realidade é sempre uma construção do nosso olhar sobre ela.

Outro ponto a ser destacado, entre as definições de 1979 e de 1981, refere-se ao Museu.

Na primeira “a Museologia é a ciência do Museu e das suas relações com a sociedade [...] chegando a mais profunda reflexão sobre o relacionamento “Museu-Homem-Sociedade””. Na segunda ele sequer é mencionado, mas em 1983 ele surge como o lugar no qual a “relação profunda entre o homem e o objeto se processa”, ou seja, “um cenário institucionalizado, o museu”. Chagas (2013, doc. eletr.) também aponta essa transformação, mas indica que Waldisa Rússio estaria valorizando mais o museu enquanto espaço reconhecido pela sociedade, ou seja, o museu também como resultado de um trabalho social e, portanto, um ato cultural.

Percebemos, portanto, alterações da valorização do espaço-museu, ou da instituição-museu e suas relações com a sociedade, para “um cenário” no qual ocorre uma “relação profunda”. Há aqui certa assimetria entre os elementos conceituais, no sentido das práticas que conferem sentido e significados às vivências compartilhadas. Novamente é importante destacar a construção desta “relação”, sem que se possa *a priori* estabelecer se ela será ou não “profunda”, já que a apropriação dos códigos poderá ou não se efetivar, e dependerá da eficácia dos elementos que constituem o “cenário” museológico bem como de sua recepção por parte dos visitantes.

A despeito das considerações sobre o aprofundamento da base teórica formulada por Waldisa Rússio, seu pensamento foi e continua válido por muitos aspectos, as reflexões iniciadas por Rússio ainda repercutem no pensamento museológico brasileiro não apenas pelo pioneirismo, mas pela fertilidade que encerram.

Em 1974 ao pensar um museu a partir do trabalho industrial em São Paulo, cogitando este espaço como um elo entre passado e presente que permitisse “a leitura não do símbolo, mas do elemento simbolizado” (GUARNIERI [1974], 2010, p.55), Rússio construía para si mesma a relação fundamental com a representação do mundo humano por meio de objetos e lugares. O trabalho e a vida fabril era o elemento a ser simbolizado por meio de artefatos simbólicos, essa era a relação/memória que buscava restaurar/evocar num certo espaço, por meio de uma narrativa museológica.

No final da década o cenário institucional, museu, já é pensado como um “registro de aspectos da trajetória do Homem, personagem

e agente da História” (GUARNIERI [s/d], 2010, p.77), para Waldisa Rússio tornar esse Homem sujeito dessa construção, e permitir que este sujeito efetue a leitura do seu mundo, é uma das principais funções da atividade museológica. Afinal, a mulher-pensadora-profissional de museus, esperançosa em tempos de reabertura política nacional, afirmava:

A relação do homem com o seu meio, seja em termos de mera apreensão da realidade, seja de ação sobre essa mesma realidade, implica realização humana em termos de consciência, de consciência crítica e histórica, de consciência possível. O homem é o ser que se realiza criticamente, historicamente; ao realizar-se, ele constrói sua história e faz sua cultura (GUARNIERI [1983/1985] 2010, p.150).

9 A TEORIA COMO PRÁTICA MUSEOLÓGICA

Analisar parte do percurso intelectual de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri por meio dos artigos reunidos em coletânea, buscando mapear suas referências teóricas e principais interlocutores, realizando um exercício de reflexão e problematização acerca do manejo de sua principal formulação, o “fato museológico”, constituiu o objetivo central deste artigo.

Da imersão no pensamento museológico de Waldisa Rússio resultou a convicção de sua importância como profissional e como pensadora comprometida com as questões fundamentais que envolvem as práticas do campo.

Este é um trabalho de reflexão que ensaia possibilidades de questionamentos, que experimenta o diálogo propositivo e que tenta seguir pela trilha desbravada por Waldisa Rússio. Afinal, refletir sobre a concepção do “fato museal”, desde as influências para sua elaboração em relação à formação original de Rússio na área do Direito até o diálogo com outros pensadores em nível nacional e internacional, considerando ainda o papel precursor de sua contribuição em relação à Sociomuseologia estabelece um percurso teórico de extrema importância para a museologia.

Percorrer os artigos de Rússio comprova cabalmente a importância da “teoria para uma

boa prática” como bem identificou Ferraz (1994), ao referir-se a necessidade de constituição de uma documentação museológica, por meio da pesquisa bem fundamentada, a fim de que os museus não corressem o risco de serem apenas “repositórios de objetos sem passado”.

Como ensina Waldisa Rússio, por seu próprio exemplo de trabalho, tornar-se museólogo é o resultado do conjunto persistente da práxis museológica. Neste sentido, minha práxis começa pela reflexão sobre a especial relação entre o indivíduo e o objeto num espaço específico, denominado museu. O “fato museal” concebido por Waldisa Rússio, em diálogo com Gregorová e Stránský, demonstrou as diferentes ênfases entre os autores que, respectivamente, consideram a relação (homem – objeto), o objeto de museu (que o define) e o museu (lugar de exercício da Museologia).

O ponto de convergência entre os três teóricos é a importância do museu enquanto o lugar que permite as ações museológicas, entretanto as considerações de importância no papel do museu diante dessas ações variam. Para Rússio o museu surge, ou deve surgir como resultado de relações produzidas por atos sociais e do reconhecimento entre elas; para Gregorová, as funções desenvolvidas neste lugar definem sua importância institucional, ou seja, seus aspectos culturais, educativos e sociológicos; já Stránský, considera mais relevante o papel dos objetos como orientadores da existência do “fenômeno museu”.

A distinção do encadeamento teórico de Waldisa Rússio, neste aspecto, é pensar o museu dentro da mesma lógica de produção cultural dos demais aspectos da sociedade, isto é, do trabalho como produtor de cultura, ou seja, o entendimento de “museu como processo” que é resultado de práticas sociais que produzem os sujeitos da ação. O museu que surge, portanto, por uma necessidade de demonstração de relações sociais, como um espaço que permite um ato cultural no qual as relações entre “o Homem e a Realidade” são reconfiguradas por meio de um “cenário”.

Portanto, a “relação”, que Waldisa Rússio estabelece, parte da noção do “objeto de museu” como resultado do trabalho humano, desse modo, o vínculo (o fato) – entre o artefato que está no museu e o homem –, se faz (acontece) por ser parte da realidade humana e, portanto, passível de ser (re) conhecido, já que o homem “admira o objeto”.

O pensamento *waldisiano* apoia-se na tríade, “Museu-Homem-Sociedade” esse encadeamento explicita a premissa que atribui valor central ao significado do trabalho e da experiência humana no mundo, ou da manifestação da condição humana através do tempo, num espaço que permita “a leitura não do símbolo, mas do elemento simbolizado”. Um espaço que promova o entendimento, por meio do diálogo, da transformação dos “objetos de museu” em bens culturais, heranças que se transformam em patrimônio cultural de uma comunidade ou sociedade.

Artigo recebido em 04/06/2015 e aceito para publicação em 17/11/2015

THINKING OF WALDISA RÚSSIO ABOUT MUSEOLOGY

ABSTRACT: *The objective of this article is to identify in the texts gathered on the theoretical formulations Waldisa Rússio Guarnieri, the settings on the object and the methodology to characterize the thought of this author on Museology and mainly reflect on the concept of “museum fact” from the influences to their preparation for their training in the area of law to the dialogue with other thinkers. And from this point, discuss the main theoretical assumptions that have contributed to the creation of a conceptual framework of the Brazilian museum field and discuss the weaknesses found in order to intensify the discussions of ideas that should buttress museological practices and contribute to the theoretical depth of field.*

Keywords: *Museology. Waldisa Rússio. Fact museum. Museological theory.*

REFERÊNCIAS

BARAÇAL, Anaildo Bernardo. **O objeto da Museologia**: a via conceitual aberta por Zbynek Zbyslav Stránsky. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008.

SOARES, Bruno C Brulon. **Quando o Museu abre portas e janelas**: o reencontro com o humano no Museu contemporâneo. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Waldisa R. C. Guarnieri: reflexos de uma trajetória profissional. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.20-32.

_____, FONSECA, Andrea Matos da e NEVES, Kátia Regina Felipini. Mudança social e desenvolvimento no pensamento da museóloga Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.2. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b. p. 159-181.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.2. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010b. p. 145-154.

_____. **Gestão de museus, um desafio contemporâneo**: diagnóstico museológico e planejamento. Porto Alegre: Medianiz, 2013.

CARVALHO, Luciana Menezes de. Waldisa Rússio e Tereza Scheiner - dois caminhos, um

único objetivo: discutir museu e Museologia. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.4, n.2, 2011. p.147-158.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*. Universidade de São Paulo, Museu Paulista, v.12, jan/ dez 2004. p.237-268.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. In: **Revista Museu**. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/18demaio/artigos.asp?id=5986>>. Acesso em: 13 out. 2013.

CURY, Marília Xavier. **Exposição**: concepção, montagem e avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.

FERREZ, Helena Dobb. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. Cadernos de Ensaio n.2, **Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro: MinC/IPHAN, 1994.

GUARNIERI, Waldisa Rússio Camargo. Museu: uma organização em face das expectativas do mundo atual (1974). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.45-56.

_____. Museu para quê? (A necessidade da arte) (s/d). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.69-77.

_____. Museologia e museu (1979). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.78-85.

_____. Bem e patrimônio cultural (s/d). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos

de uma trajetória profissional. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.119-122.

_____. A interdisciplinaridade em Museologia (1981). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.123-126.

_____. Sistema da Museologia (1983). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.127-136.

_____. Alguns aspectos do patrimônio cultural: o patrimônio industrial (1983/1985). In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. v.1. São Paulo: Pinacoteca do Estado; Secretaria de Estado de Cultura; Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010a. p.147-159.

MENSCH, Peter van. Objeto de Estudo da Museologia. **Pretextos Museológicos I**. Rio de Janeiro: UNIRIO/ UGF, 1994.

MIRANDA, Pontes de. **Direito das obrigações: negócios jurídicos unilaterais, Títulos ao portador**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2012. (Coleção Tratado de Direito Privado: parte especial; 32)

STRÁNSKÝ, Zbynek Zbyslav. Museologia - ciência ou apenas trabalho prático? (1980). **Revista Museologia e Patrimônio**, v.1, n.1, 2008, p.101-105.